



REDEQUIM

Revista Debates em Ensino de Química

ISSN 2447-6099

EDITORIAL

O dossiê temático "Ancestralidades afro e indígena: a Química sob novos antigos olhares" traz às pessoas leitoras um texto profundamente singular para a Educação Científica, em especial para o Ensino de Química.

Ancestralidade é o legado do ancestral que pode estar numa esfera religiosa, epistêmica, cultural, etc. O ancestral é espírito e memória e se manifesta na construção da vida cotidiana e dos projetos de vida futuros para além de uma mera vinculação consanguínea. As ancestralidades afro e indígenas por muito tempo foram subalternizadas na construção de nossas subjetividades, principalmente no âmbito da memória. Historicamente, nos últimos quatro séculos de diáspora africana escravagista na América, o opressor colonizador desenvolveu uma narrativa única de civilidade branca, que estabeleceu as bases ontológicas, epistêmicas e cosmogônicas tanto da existência humana, quanto de intelectualidade, de ética, estética, política e religiosidade, assentadas sobre a égide do eurocentrismo. Neste processo, os povos africanos, africanos em diáspora e indígenas foram destituídos de suas memórias ancestrais de pioneirismo, altivez, positividade e inteligência.

Esse dossiê tem esse sentido de, para além do mero cumprimento obrigatório da legislação, pautar o legado ancestral afro e indígena centralizando as produções científico-tecnológicas ancestrais desses povos para o campo da Química. Compreendo a Química como a Ciência que estuda a matéria, suas transformações e as energias nelas envolvidas, entendemos que, a partir do momento que há manipulação consciente da matéria com grau de reprodutibilidade e caráter preditivo, há Química. Deste modo, a Química ancestral afro indígena nos é revelada como algo novo em virtude do brancocentrismo ocidental, mas é antiga no que tange as produções e suas significâncias sociais, daí a noção de "novos antigos olhares".

Domínio da técnica de produção do forno, desenvolvimento de fornos e altos-fornos, fundição de metais, desenvolvimento de ligas metálicas, tinturaria, farmacologia, cosmetologia, bebidas alcoólicas, papiros, dentre muitos outros, são exemplares reais da potência ancestral Química afro indígena, que atravessou os tempos e seguem nos nutrindo socialmente com toda essa inventividade pilhada epistemicamente. Produções diversas apagadas e/ou silenciadas na linha do tempo astronômico, visando a construção e o reforço de um único modelo universal e humanidade e de poder. Nessa edição especial da REDEQUIM teremos debates que se propõem a contribuir para o Ensino de Ciências a partir da premissa da equidade e da valorização da diversidade, considerando a pluriversalidade nas nossas matrizes civilizatórias.

A temática da transição capilar e a construção de uma nova subjetividade ativa para mulheres negras, associada ao estudo da constituição Química dos cabelos, faz parte do nosso

dossiê. Também não poderia ficar de fora do nosso compilado antirracista a perspectiva afrocentrada da produção Química do do vinho no antigo Egito, revelando o pioneirismo da Ciência africana no campo da produção de bebidas alcoólicas. Dialogamos com os conhecimentos quilombolas por meio de uma proposta de articulação da cultura negra e conhecimentos de Química a partir da canção “Francisco de Oxum”, por meio da metodologia dos estudos comparados. Pensamos as relações de ensino e aprendizagem da Química orgânica por meio da cultura indígena, contextualizando a extração e utilização dos corantes naturais de urucum, mogno, jenipapo, açafraão e pau-brasil, por algumas comunidades indígenas brasileiras. A partir de Molefi Kete Asante, também acessamos, neste texto, princípios direcionais para a elaboração de possibilidades pedagógicas fundamentadas no paradigma afrocêntrico, comprometidas em formular novas narrativas e relacionando História da Química e História da África.

Também nos aprofundamos nos movimentos de descolonização da ciência através do estudo da produção Química ancestral, das ligas metálicas pelos ferreiros africanos. Perpassamos os saberes quilombolas em articulação com a Química escolar por meio do conhecimento do preparo de doces em uma comunidade quilombola brasileira. Flechamos o colonialismo com a resenha do livro a Flecha no tempo, que nos oferece caminhos para buscar outros modos de pensar as educações, dereencantar a vida e de re-elaborar os elos. Todas as flechas lançadas nos auxiliam ao re-entoar e nos convidam a pensarmos educações, ciências, químicas e culturas em sua pluriversalidade. Seguimos o dossiê com uma discussão sobre Química Ambiental e as relações assimétricas existentes entre a poluição observada em cidades da África subsaariana e os níveis de desenvolvimento social e tecnológico disponíveis às populações locais. Tal texto traz a importância dos povos africanos para o desenvolvimento sustentável a nível global. Encerramos com um trabalho que relata ações de um subprojeto PIBID na realização de uma “Mostra Cultural Afro-brasileira”.

Este dossiê é um manifesto de enfrentamento ao racismo epistêmico, mas também se configura um convite ao cumprimento sensível da lei 11.645/2008, que altera a LDB, incluindo a obrigatoriedade de Ensino de história e cultura africana e indígena em toda extensão curricular da educação básica. Isso remete a uma educação potencializadora de existências negras e indígenas, desde a educação infantil ao nível superior, na formação de professores e professoras, bem como em todos os componentes curriculares para além de Artes, Literatura e História, criando-se a necessidade histórica de que esses debates sejam pautados também nas Ciências Naturais, a exemplo da Química.

Concluimos reforçando que "o futuro é ancestral" e que por isso precisamos retornar pelos caminhos da história e ressignificar as memórias contra-hegemônicas a partir de um projeto histórico de superação social do racismo. A escola é componente fundamental nesse processo.

Boa leitura a todes.

Bárbara Carine Soares Pinheiro

Editora Convidada

Hemerson Pataxó

Editor Convidado